Journal of Ancient Philosophy, vol. 16 issue 2, 2022.
DOI: http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-9471.v16i2p149-181

Física e Metafísica no Estoicismo Antigo

Guy Hamelin

The Stoic School takes up the tripartite division of philosophy of the post-Platonic Academy, in which physics occupies, alongside dialectics and ethics, a prominent place. In this tripartition, there is no metaphysics, nor in the two subdivisions of Stoic physics. For the thinkers of the Stoa, there is nothing beyond physics. In spite of this statement, we try to discover, in this article, the presence of a study devoted to first philosophy among the various topics investigated by the Stoics in their physics. It is with this aim that we first examine what precisely Aristotle deals with in the *Metaphysics*. This preliminary investigation will serve as a point of reference for determining what can be considered as metaphysics, at least in ancient Greece. Afterwards, we are interested in the Stoic view of nature itself since nothing superior exists. This examination leads us to scrutinize the Stoic conception of the Good, a notion closely linked to the subject of physics. We then take a good look at each one of the topics found in the two Stoic divisions of physics, highlighting the matters approaching Aristotelian metaphysics. On that occasion, a specific analysis is devoted to the two Stoic principles, due notably to the relevance of the subject in relation to first philosophy. From the diversity of the elements found in the course of our study, we come to the final part, in which we establish the position of the Stoic School on metaphysics.

1. *Introdução*

A obra de Aristóteles conhecida hoje como *Metafísica* constitui habitualmente a referência à qual nos remetemos para conhecer, no contexto da filosofia grega, os diferentes assuntos estimados transcenderem a física. Todavia, existe a dificuldade de delimitar exatamente a que alude o Estagirita nesse tratado, pois a sua organização atual complica a identificação dos tópicos examinados. A influência de Platão sobre a concepção metafísica de Aristóteles é certamente importante, mesmo que este tente afastar-se daquele, notadamente no início da sua saída da Academia. A metafísica platônica relaciona-se de modo frequente a aspectos ontológicos da doutrina das Formas, tal como pode ser visto nas tentativas de responder a questões do tipo: Qual é a natureza

destas realidades inteligíveis separadas do sensível? O que caracteriza substancialmente a relação de participação entre particulares e Formas? Contudo, a própria concepção de Platão acerca das Ideias evoluiu ao longo da sua prática filosófica[1], e a teoria criticada por Aristóteles limita-se à visão encontrada nos diálogos do período de maturidade.[2] O essencial do que constitui o platonismo é certamente a visão metafísica das Formas ligada à doutrina da imortalidade da alma, prosseguindo assim naturalmente na teoria do conhecimento.[3] Apesar de uma influência certa, Aristóteles propõe uma visão metafísica distinta do desenvolvimento da filosofia amadurecida do seu Mestre. Que seja em razão da sua crítica das Ideias e de outras noções pré-socráticas, ou por causa da sua própria concepção da metafísica, o Estagirita fica a referência indispensável para entender em que consiste essa área do saber na Antiguidade.

A que corresponde a metafísica para o estoicismo antigo? A resposta a essa pergunta parece ainda mais complexa que a dada à mesma questão em relação, desta vez, à filosofia grega da época clássica. A Escola estoica não inclui a metafísica na sua divisão tripartida tradicional da filosofia.[4] Isso não implica que não havia nenhuma metafísica, nem o fato de que essa Escola era fundamentalmente materialista.[5] A ausência de uma

[1] Cf. A. de Libera. *La querelle des universaux. De Platão à la fin du Moyen Âge*. Paris: Éditions du Seuil, 1996, pp. 51-56; G. Hamelin. "Do realismo moderado ao realismo extremo em Platão". *Journal of Ancient Philosophy*. Vol. 3, Issue 2, 2009, pp. 1-13. http://www.revistas.usp.br/filosofiaantiga/issue/view/3501 Acesso abril de 2021.

[2] Cf. M. Canto-Sperber. "Platon". *Philosophie grecque*. Monique Canto-Sperber (Ed). Paris: Presses universitaires de France, 1997, p. 224 *et circa*.

[3] "The two major theories that make up Platonism are the theory of Forms and the doctrine of the immortality of the soul. The notion of a Form is articulated with the aid of conceptual resources drawn from Eleatic philosophy. The ultimate object of a philosopher's search for knowledge is a kind of being that is quite unlike the familiar objects of the phenomenal world: something eternal and changeless, eminently and exclusively whatever – beautiful or just or equal – it is, not qualified in time or place or relation or respect." Malcolm Schofield. "Plato (427-347 $_{BC}$)". *Routledge Encyclopedia of Philosophy*. Version 1.0, Edward Craig (Ed.). London & New York: Routledge, 1998.

[4] "Os estóicos dividem a filosofia em três partes: física, ética e lógica. Essa divisão aparece pela primeira vez no livro *Sobre a lógica*, de Zenon, depois em Crísipos no primeiro livro *Sobre a lógica* e no primeiro livro *Sobre a física*, e ainda em Apolôdoros e Silos <...>", Diôgenes Laêrtios. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* VII, 39. 2ª edição. Tradução do grego, introdução e notas Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UnB, 1977, p. 190.

[5] "Thus the Stoic 'principles' skilfully combine the hard-line materialism of the Giants in Plato's *Sophist* with his alternative hallmark of existence, 'capacity to act or be acted upon', which was intended by Plato to undermine materialism <...>." A.A. Long, D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. I. *Translations of the Principal Sources, with Philosophical Commentary*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987, p. 274. Veremos na parte 3.3 *infra* a questão da corporeidade dos dois princípios estoicos.

nomenclatura não implica a inexistência da 'realidade' à qual se refere a metafísica. O contrário também é, obviamente, possível, já que vários nomes não alude a nada, como o mostra Aristóteles, entre outros, nas *Categorias* X sobre os opostos, com o exemplo do termo 'cegueira', que não denota coisa nenhuma, menos a privação de visão. Seja como for, não ter incluído a metafísica na sua própria partição da filosofia não significa que não há discussões, argumentos e outras reflexões dessa natureza no pensamento dos seus protagonistas. O próprio Aristóteles não usou o termo 'metafísica' para se referir aos assuntos tratados na *Metafísica*. Contudo, essa situação complica a tarefa de saber se existe ou não existe tal tópico na filosofia estoica.

No presente artigo, tentamos primeiro precisar brevemente quais são os principais tópicos aos quais faz referência Aristóteles na *Metafísica*. Trata-se de um tema já bastante discutido e relativamente bem conhecido. Mas uma descrição clara sobre isso fica indispensável para reconhecer e identificar a existência ou a não-existência de uma metafísica estoica, pelo menos segundo os critérios da filosofia antiga ou, melhor, do pensamento aristotélico. Em seguida, é preciso examinar diretamente se há, de fato, desenvolvidos na filosofia estoica temas parecidos aos encontrados na *Metafísica* do Estagirita. Podemos levantar a hipótese de que verossimilmente existe no estoicismo discussões, que se aproximam das temáticas encontradas nessa obra de Aristóteles. Mas considerando o caráter específico e sistemático da filosofia da Escola do Pórtico, notadamente em relação à sua divisão e subdivisão da filosofia, essa conjetura precisa ser confirmada. Entre os temas examinados no que se refere a nossa busca, enfatizamos dois pontos precisos e fundamentais para o estoicismo antigo. Primeiro, mostraremos que a física constitui o principal objeto da filosofia estoica, na medida em que contém tudo o que existe e subsiste[6], mas a ética representa sua finalidade[7] e permite entender melhor

[6] Os estoicos antigos distinguem as entidades existentes das subsistentes. O que existem (εἶναι) são os corpos, que possuem a primazia ontológica sobre os inteligíveis. A principal razão filosófica desse afastamento da concepção notadamente platônica reside essencialmente na teoria causal defendida pelos protagonistas da Escola do Pórtico. Sem entrar no dédalo dessa doutrina, os estoicos estimam que somente os corpos exercem um efeito sobre outros corpos, o que não é o caso dos ditos inteligíveis. Por exemplo, o conhecimento ou a virtude, que causa efeitos em outros corpos, só pode ser um corpo nessa visão. A consequência disso é que o que não é corpo não existe. Segundo os estoicos, o não corpo apenas subsiste (ὑφιστάσθαι). Como dizem Long e Sedley: "We could render the Stoic distinction between 'exist' and 'subsist' by saying 'There's such a thing as a rainbow, and such a character as Mickey Mouse, but they don't actually exist'". A.A. Long, D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. I. *Op. cit*., p. 164.

[7] Essa visão não é defendida por todos os estoicos, já que Crisipo considera que é a física a última disciplina na divisão da filosofia da Escola. "For the tripartite division of philosophy itself <...>, we also follow the order, logic physics ethics, attributed to a number of leading Stoics <...>.

alguns componentes da ciência da natureza. O segundo destaque diz respeito, desta vez, à dupla divisão da física estoica e também se refere à famosa questão dos princípios, enquanto entidades permeando o mundo inteiro. Enfim, se encontrarmos nessa investigação elementos que se aparentam à metafísica referencial de Aristóteles, eles serão identificados na conclusão final, assim como serão ressaltadas as peculiaridades específicas desta metafísica estoica.

2. *O modelo da* Metafísica *de Aristóteles*

De que trata Aristóteles na sua obra nomeada, a partir do século I a. C., *Metafísica* pelo último escolarca do Liceu, Andrónico de Rodes?[8] Em uma primeira abordagem, percebe-se que o tratado diz respeito a diferentes assuntos. A ciência dita suprema apresenta-se sob três nomes diferentes; ela é 'Sabedoria' (σοφία), 'Filosofia primeira' (πρώτη φιλοσοφία) e 'Ciência teológica' (θεολογικὴ ἐπιστήμη). Essas distintas nomeações não seriam dificultosas se elas não se referissem a objetos divergentes ou a pontos diferentes de um mesmo objeto. De maneira mais explícita, a 'Sabedoria' trata dos primeiros princípios e das primeiras causas[9], a 'Filosofia primeira' dos seres enquanto seres e a 'Ciência teológica' da divindade.[10]

O conteúdo da obra chamada *Metafísica* ainda não é plenamente claro, apesar das informações indicadas anteriormente. A questão fundamental fica aberta. Esse saber apresenta um tipo específico de entidades ou diz respeito a todas as entidades que existem? Em outras palavras, a *Metafísica* é uma ciência particular ou ela é uma ciência universal? Chegamos aparentemente a uma forma de aporia. A ciência suprema remete ao estudo de seres específicos, como se dá com a 'Ciência teológica', que investiga os

---

However, one of these, Chrysippus, put physics after ethics, according to his own words <...>". A.A. Long, D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. I. *Op. cit*., p. 160.

[8] Ver nota 82 *infra*.

[9] Cf. Aristoteles. *Metaphysica* A, 1, 981b 28.

[10] Cf. Vianney Décarie. *L'objet de la métaphysique selon Aristote*. 2ª Ed. Montréal/Paris: Institut d'études médiévales/Librairie philosophique J. Vrin, 1972, p. XXVII. Segundo Pellegrin, Aristóteles descreveria antes a metafísica de quatro maneiras: "La métaphysique est aussi une discipline, qu'Aristote n'appelle pas ainsi, mais « philosophie première» et qu'il décrit d'au moins quatre façons différentes." Pierre Pellegrin. *Dictionnaire d'Aristote*. Paris: Éditions Ellipses, 2007, p. 136.

deuses, ou refere-se à análise de todos os seres, como ocorre com a 'Filosofia primeira'? O que afirma o próprio Aristóteles sobre isso revela a dificuldade:

> Poder-se-ia agora perguntar se a filosofia primeira (ἡ πρώτη φιλοσοφία) é universal (καθόλου) ou se se refere a um gênero determinado e a uma realidade particular (φύσιν τινὰ μίαν). De fato, a respeito disso, no âmbito das matemáticas existe diversidade: a geometria e a astronomia referem-se a determinada realidade, enquanto a matemática geral é comum a todas. Ora, se não existisse outra substância (οὐσία) além das que constituem a natureza, a física seria a ciência primeira (πρώτη ἐπιστήμη); se, ao contrário, existe uma substância imóvel, a ciência desta será anterior <às outras ciências> e será filosofia primeira, e desse modo, ou seja, enquanto primeira, ela será universal e a ela caberá a tarefa de estudar o ser enquanto ser (τοῦ ὄντος ᾗ ὄν), vale dizer, o que é o ser e os atributos que lhe pertencem enquanto ser.[11]

Em outro trecho também famoso da mesma obra, ele reafirma e acrescenta:

> Ora, dado que existe uma ciência do ser enquanto ser (τοῦ ὄντος ᾗ ὄν) e enquanto separado (χωριστόν), é preciso examinar se ela deve ser considerada como idêntica à física, ou como diversa. <...> Existe, portanto, outra ciência diferente seja da física seja da matemática, que estuda o ser enquanto separado e imóvel (περὶ τὸ χωριστόν ἄρα ὂν καὶ ἀκίνητον), dado que verdadeiramente exista uma substância desse tipo, ou seja, uma substância separada e imóvel, como tentaremos demonstrar. E se entre os seres existe uma realidade desse gênero, ela deve ser o divino (θεῖον) e também o Princípio primeiro e supremo (πρώτη καὶ κυριωτάτη ἀρχή). <...> Poder-se-ia levantar o seguinte problema: se a ciência do ser enquanto ser deve ser considerada universal ou não. Ora, cada uma das ciências matemáticas trata de um gênero único e determinado, mas também existe uma matemática geral que é comum a todos os gêneros. Portanto, se as substâncias físicas fossem as realidades primeiras, a física seria, consequentemente, a primeira das ciências; se, ao contrário, existe outra realidade, ou seja, uma substância separada e imóvel, deve haver necessariamente uma ciência diferente da física e anterior à física, e deve ser também universal, por força dessa anterioridade.[12]

No decorrer da história da filosofia, encontramos três abordagens distintas que tentam solucionar estas dificuldades encontradas na *Metafísica*: O que estuda a metafísica? A metafísica é uma ciência particular, de uma área específica, ou é uma ciência universal, que abrange tudo? Encontramos três explicações possíveis no decorrer da história. A primeira é defendida por Avicena (ibn Sīnā), Tomás de Aquino e mais recentemente pelo Professor belga Augustin Mansion, e deixa entender que o estudo dos seres (enquanto seres) é subordinado ao das substâncias imateriais e divinas, da mesma forma que o efeito é subordinado à sua causa. A segunda interpretação sugere que a oposição entre as duas posições é irredutível e resolve a aparente contradição com a ideia

[11] Aristoteles. *Metaphysica* E, 1 1026a 23-32. Aristóteles. *Metafísica*. Vol. II. Introdução, texto grego com tradução para o italiano, fontes e notas de Giovanni Reale. Edição Brasileira: Direção de Fidel Garcia Rodriguez. Edição de Texto de Marcos Marciolino. Revisão de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002, pp. 272-273.

[12] Aristoteles. *Metaphysica* K, 7 1064a 28-1064b 14. Aristóteles. *Metafísica*. Giovanni Reale (Ed.). *Op. cit*., pp. 510-513.

de evolução no pensamento de Aristóteles. Sendo assim, o estudo das entidades imateriais refletiria a concepção platônica inicial, tal como defendida por Aristóteles na juventude, enquanto que o exame de todas as substâncias ou dos seres enquanto seres representaria a visão madura e acabada do Estagirita. O alemão Werner Wilhelm Jäger é o defensor, no século XX, dessa explicação. Enfim, estudiosos como Étienne Gilson e Joseph Owens sustentaram que é possível identificar os seres enquanto seres às substâncias divinas e afirmar que essas últimas são consequentemente seres enquanto seres.[13]

Essas três interpretações distintas nos direcionam para três conclusões diferentes no que diz respeito à natureza particular ou universal do saber encontrado na *Metafísica*. No primeiro caso, o estudo dos seres divinos precede o de todos os outros seres, na medida em que os primeiros possuem uma anterioridade ontológica em relação aos segundos.[14] Quanto à segunda explicação, o fato de o Estagirita manifestar interesse distinto pelos principais assuntos estudados na *Metafísica* pode ser entendido somente a partir da evolução do seu pensamento, a qual se inicia com a preocupação pelas questões teológico-platônicas para chegar a uma compreensão amadurecida que inclui todos os tipos de entidades.[15] Enfim, a terceira visão mostra que o estudo dos seres enquanto seres corresponderia ao das substâncias divinas, reduzindo assim as primeiras entidades às segundas. Vamos ver agora se existe no estoicismo antigo análise de temas semelhantes aos encontrados na *Metafísica* de Aristóteles.

[13] Cf. Décarie. *L'objet de la métaphysique selon Aristote*. *Op. cit*., pp. XXVII-XXVIII.

[14] O tradutor francês da *Metafísica*, Jules Tricot, expõe o que está em jogo neste debate e defende uma posição que se aparenta a esta primeira explicação: "Nous sommes en face d'un véritable conflit: ou bien la Philosophie première répond aux conditions d'universalité de la science, elle est une *ontologie*, mais elle risque alors d'absorber toutes les sciences particulières, ou bien elle est véritablement une *théologie*, mais que devient son universalité? <...> La Métaphysique est, à la fois, ontologie et théologie, et c'est parce qu'elle est théologie qu'elle est ontologie. Elle étudie la première espèce d'Être, et, comme cette sorte d'être est le fondement de l'existence et de l'intelligibilité de tous les autres êtres, que cet Être est, d'autre part, le premiere terme d'une série qui commande tous les termes subséquents <...>, la connaissance que nous en avons entraîne celle de toutes les substances particulières en tant qu'êtres. À ce titre, et non pas comme s'appliquant à l'universalité des êtres et comme contenant toutes les autres sciences, la Philosophie première est donc universelle." Aristote. *La métaphysique*. Tome I. Introduction, notes et index par J. Tricot. Paris: Librairie philosophique J. Vrin, 1970, p. 333, nota 1.

[15] A explicação de Jäger é frequentemente criticada, como é o caso de Tricot, que afirma: "Nous avons déjà defini l'attitude d'Ar., et montré que sa pensée n'a pas subi l'évolution que lui prête Jaeger <...>". *Ibid*., p. 333, nota 1.

3. *Existe uma metafísica estoica?*

Ao examinar os precedentes trechos da *Metafísica* e as explicações fornecidas acerca da aparente aporia a respeito da especificidade particular ou universal dos assuntos tratados na obra, o nosso principal interesse referiu-se à ênfase dado por Aristóteles à existência de uma ciência que trata de assuntos ditos superiores à física. Por sua vez, os estoicos não estimam, à primeira vista, existir algo parecido a esse saber supranatural, pois não há nada, segundo eles, além da física. Já vimos que essa ciência não faz parte da divisão tripartida da filosofia estoica. Mesmo assim, fica importante saber se existe, de fato, uma metafísica e até uma ontológica no estoicismo a partir do referencial aristotélico. A interrogação não é irrelevante, já que filósofos e comentadores respeitáveis levantaram dúvidas sérias sobre esse tema no decorrer da história da filosofia, como veremos. Sendo assim, parece inevitável fazer, primeiro, um exercício parecido ao anteriormente feito com Aristóteles, examinando de mais perto o que entendem, desta vez, os antigos estoicos com o termo 'física'. É possível que temas considerados metafísicos por Aristóteles encontram-se sob outros nomes na Escola estoica ou fazem parte do que os pensadores do Pórtico chamam de 'física'.

3.1. *Um interesse superior pela física*

Zenão de Cítio, o primeiro dos estoicos, era inicialmente interessado pela filosofia cínica e, também, pelos platônicos. Ele foi até acusado de plagiar a filosofia da Academia, e Sócrates ter-se-ia tornado o modelo por excelência da sua Escola do Pórtico.[16] Na verdade, Zenão de Cítio teria sido uma espécie de eclético, o que influenciou bastante o desenvolvimento do seu próprio pensamento e eventualmente do seu educandário. O fundador do estoicismo de origem fenícia era um homem prático, como a maioria dos seus compatriotas comerciantes. Zenão não dava grande importância aos discursos

[16] "Socrates was the chief saint of the Stoics throughout their history; his attitude at the time of his trial, his refusal to escape, his calmness in the face of death, and his contention that the perpetrator of injustice injures himself more than his victim, all fitted in perfectly with Stoic teaching. So did his indifference to heat and cold, his plainness in matters of food and dress, and his complete independence of all bodily comforts." B. Russell. *A History of Western Philosophy*. New York/London: Published by Simon & Schuster, 1972 (copyright renewed), p. 253.

nebulosos e demasiado especulativos. Em *A história da filosofia ocidental*, Bertrand Russell escreve esta franca descrição:

> Zenão não tinha paciência nenhuma com as sutilezas metafísicas. O que era importante para ele era a virtude, e apreçava a física e a metafísica na medida em que contribuem para a virtude.[17] Ele tentou combater as tendências metafísicas da época por meio do senso comum, o qual, na Grécia, significava materialismo. As dúvidas quanto à confiabilidade dos sentidos o irritava, e incitou a doutrina oposta ao extremo.[18]

Russell não é um especialista do estoicismo, nem um historiador das ideias de carreira. Contudo, foi um dos maiores filósofos do século XX, e era dotado de um conhecimento das questões filosóficas excepcional. As suas afirmações têm a vantagem de sair das vias comuns e, ao mesmo tempo, ser claras e percucientes. Com respeito ao estoicismo, seu infortúnio foi ter escrito num período um pouco anterior ao 'renascimento' dos estudos sobre o estoicismo iniciado a partir da segunda metade do século XX, notadamente na área da lógica, ironicamente privilegiada por Russell.[19] Também não se deve minimizar os preconceitos da época anterior a esse 'renascimento', que deixavam entender, entre outros, que a filosofia estoica em geral, e a lógica estoica em particular, era somente um empobrecimento em relação à filosofia clássica, até mesmo uma decadência da filosofia de Platão e uma interpretação equivocada da lógica de Aristóteles.[20] Seja como for, o que afirma Russell parece corresponder à atitude prática de Zenão acerca de assuntos sobre o suprassensível.

---

[17] Esta descrição de Russell também poderia convir à filosofia de Epicuro: "<...> la recherche physique est orientée vers um objectif éthique, la conquête et la conservation du bonheur. <...> La physique est ainsi à la fois condition nécessaire e condition suffisante du bonheur." Jacques Brunschwig. "La philosophie à l'époque hellénistique". *Philosophie grecque*. Monique Canto-Sperber (Ed). *Op. cit*., pp. 479-480.

[18] Traduzimos. "Zeno had no patience with metaphysical subtleties. Virtue was what he thought important, and he only valued physics and metaphysics in so far as they contributed to virtue. He attempted to combat the metaphysical tendencies of the age by means of common sense, which, in Greece, meant materialism. Doubts as to the trustworthiness of the senses annoyed him, and he pushed the opposite doctrine to extremes." B. Russell. *A History of Western Philosophy*. *Op. cit*., p. 253.

[19] Além das fontes clássicas usadas por Russell, como Diógenes Laércio, outras vêm de historiadores e intelectuais como Murray ou Bevan, que escreveram, entre outros, sobre o estoicismo numa época ainda impregnada de preconceitos sobre o pensamento helenístico em geral.

[20] Na sua resenha do livro *Stoics and Sceptics*, escrito em 1913 por E. Bevan, E. Vernon Arnold escreve: "These brilliant lectures claim to give na 'impressionist sketch' of ancient Stoicism and Scepticism; and they have a further interest, as the work of a pupil of professor Gilbert Murray, in permitting a glimpse into the attitude of Hellenic Oxford towards the Hellenistic world. Needless to say that there remains some trace of the traditional *de haut en bas* tone towards the

É difícil afirmar que os especialistas contemporâneos sejam mais explícitos que o filósofo britânico sobre essa questão do estudo da metafísica no estoicismo. David N. Sedley e Anthony A. Long consagram uma parte inteira sobre a Ontologia estoica em *Os filósofos helenísticos* – monumental compilação de fragmentos e comentários –, omitindo esclarecer ou justificar o tema da metafísica na Escola do Pórtico.[21] Nesse caso, é possível imaginar que esses autores estimaram que o estudo da ontologia, que corresponde sensivelmente à investigação do ser enquanto ser em Aristóteles, encontra-se em todas as esferas da filosofia estoica, as quais incluem entidades tanto corpóreas quanto incorpóreas, inclusive as que não pertencem a nenhuma dessas duas categorias. Alguns anos depois de ter escrito essa coletânea em colaboração com A.A. Long, o próprio D.N. Sedley redige um longo capítulo intitulado *Hellinistic Physics and Metaphysics*[22], no qual o autor trata essencialmente, na quarta parte chamada *A física e a metafísica estoica*, dos mesmos temas encontrados nas partes sobre a Ontologia e a Física de *Os filósofos helenísticos*.[23] Nesses dois últimos trabalhos, não há preocupação nenhuma manifestada sobre a presença ou não de um estudo reservado à metafísica na Escola do Pórtico; esse estudo é aparentemente pressuposto, independentemente da ausência desse saber na própria divisão estoica da filosofia. É aparentemente necessário esperar outro especialista do estoicismo antigo, Jacques Brunschwig, para que seja enfim examinada a questão de fundo sobre a realidade da metafísica no estoicismo. Depois dos estudos dos seus predecessores, a resposta nuançada de Brunschwig não é bem, pelo menos à primeira vista, aquela que era esperada:

> Pouco importa o que poderíamos significar com 'meta', em mais de um sentido os estoicos não têm nenhuma metafísica. Para eles, nenhuma ciência vem 'após' a física (de novo, pouco importa o sentido de 'após' que prefere), nem existe nenhuma ciência que estuda entidades que, em certo sentido, são 'por cima ou acima' da física ou 'além' da física – isto é, entidades 'metafísicas' (literalmente, 'sobrenaturais'). Para eles, a 'natureza' (*phusis*) abrange tudo, incluindo coisas,

work of the later epoch; but we may be grateful for the concession that that epoch has nevertheless a real interest of its own, and deserves more than a passing attention." E. Vernon Arnold. *The Classical Review*. Vol. 28, Issue 2, March 1914, p. 62.

[21] Cf. A.A. Long, D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. I. *Translations of the Principal Sources, with Philosophical Commentary*. II. *Greek and Latin Texts, with Notes and Bibliography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987, pp. 162-166.

[22] Cf. Algra, Barnes, Mansfeld & Schofield (Eds). *The Cambridge History of Hellenistic Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, pp. 382-411.

[23] Cf. A.A. Long, D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. II. *Op. cit*., pp. 166-168, 264-341.

fenômenos e eventos que, em outras visões do mundo, poderiam parecer serem, de certa maneira, 'sobrenaturais'.[24]

A afirmação de Brunschwig sobre a questão da existência ou não-existência da metafísica no estoicismo é clara: "<...> os estoicos não têm nenhuma metafísica". Além dessa declaração importante, o mesmo estudioso acrescenta outro elemento significativo, segundo o qual a física ou a natureza (φύσις) abrange tudo que existe e subsiste, nuança importante para os representantes da Stoa.[25] Apesar dessas notáveis asserções, o especialista esclarece e precisa, na continuação do seu artigo, a sua resposta completa, como veremos posteriormente. Por enquanto, se não tiver nada além da física, torna-se essencial examinar em que consiste esse saber para os estoicos e a que se refere.

3.2. *Entender a física através da ética*[26]

O que é substancialmente a física para os estoicos? Para ajudar a responder a essa pergunta, referimos especialmente a uma das fontes usadas por Russell no livro acima citado. No âmbito dos numerosos estudos recentes sobre o estoicismo antigo, trata-se de uma referência relativamente antiga, mas o tratamento acerca da natureza estoica encontrado nela fica inteiramente inspirador. Estou me referindo a um texto do Professor Gilbert Murray, intitulado *The Stoic Philosophy*, que reproduz uma conferência apresentada em 1915 no quadro das palestras conhecidas como *Conway Memorial Lecture*.[27] Eis o essencial.

[24] Traduzimos. "No matter what we might mean by 'meta', in more than one sense the Stoics have no metaphysics: for them, no science comes 'after' physics (again, in whatever sense of 'after' you like); neither is there any science studying entities which, in some sense, are 'over and above' physics or 'beyond' physics – that is, 'metaphysical' (literally, 'super-natural') entities. For them, 'nature' (*phusis*') encompasses everything, including things, phenomena, and events which in other worldviews might seem to be 'super-natural' in some way." J. Brunschwig. "Stoic Metaphysics". *The Cambridge Companion to The Stoics*. Edited by Brad Inwood. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 206.

[25] Ver nota 6 *supra*.

[26] "<...> it is clear that the Stoics held that physical doctrine stands has ethical import." M.J. White. "Stoic Natural Philosophy (Physics and Cosmology)". *The Cambridge Companion to The Stoics*. Edited by Brad Inwood. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 124.

[27] Gilbert Murray. *The Stoic Philosophy*. Delivered at South Place Institute on March 16, 1915. Watts & Co., 17 Johnson's Court, Fleet Street, E.C. – George Allen & Unwin, Ltd., Ruskin House, Museum Street, W.C., 1915.

Já no início da sua exposição, o Professor Murray compartilha a sua concepção desta Escola do Pórtico: "Nesta conferência, quero expor, em linhas gerais, algumas descrições acerca do mais importante sistema de pensamento organizado que a mente humana desenvolveu por si própria no mundo grego-romano antes da vinda do cristianismo <...>."[28] A posição preambular do autor para com o estoicismo tem a vantagem de ser clara e bastante receptiva. Na continuação, Murray sente a necessidade, certa compreensiva, de explicar o que entende exatamente com a ousada afirmação de que o estoicismo seria 'o mais importante sistema' filosófico elaborado pelo homem na Antiguidade ocidental. Ele não quer sugerir, diz ele, que se trata de um sistema perfeito, no qual não se encontrariam erros ou inconsistências; tal sistema simplesmente não existe. Mas a sua explicação se junta às numerosas justificações encontradas hoje em dia para se interessar a essa Escola filosófica: "Mas acredito que representa (esse mais importante sistema) uma forma de ver o mundo e os problemas práticos da vida que ainda possui um interesse permanente para a espécie humana e um poder permanente de inspiração."[29] Esse tom expressivo deve explicar-se em boa parte pelo período dramático no qual foi apresentado essa conferência em 1915, nas primeiras horas da Grande Guerra. Seja como for, a sua explicação ainda tem um valor significativo hoje em dia, notadamente no que diz respeito à física estoica.

É praticamente impossível abordar a física da Escola do Pórtico de maneira isolada. Tal apresentação seria simplesmente incompleta, visto que a filosofia estoica apresenta-se como um sistema por inteiro unificado.[30] Segundo Diógenes Laércio, os estoicos já a comparava a um ser vivo, a um ovo ou a um campo fértil, cujas partes são

[28] Traduzimos. "I wish in this lecture to give in rough outline some account of the greatest system of organized thought which the mind of man had built up for itself in the Graeco-Roman world before the coming of Christianity <...>" Murray. *The Stoic Philosophy*. *Op. cit*., p. 14.

[29] "But I believe that it represents a way of looking at the world and the practical problems of life which possesses still a permanent interest for the human race, and a permanent power of inspiration." Murray. *The Stoic Philosophy*. *Op. cit*., p. 15.

[30] "Of all ancient philosophies, Stoicism makes the greatest claim to being utterly systematic. Arguably, the Stoics invented the notion of philosophy as 'system' <...>."A.A. Long, D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. I. *Op. cit*., p. 160.

inseparáveis.[31] Portanto, os três componentes da filosofia[32], que incluem, além da física, a lógica – incluindo a teoria do conhecimento – e a ética, são indissociáveis, como o enfatiza o filósofo francês especialista do estoicismo, Émile Bréhier:

> <...> (cada uma das três partes da filosofia estoica) são ao contrário (da ética aristotélica) indissoluvelmente ligadas, já que é uma única e mesma razão que, na dialética, encadeia as proposições consequentes às antecedentes, na natureza liga juntas todas as causas, e na conduta estabelece entre os atos o perfeito acordo. Não é possível que o homem de bem não seja o físico e o dialético; não é possível realizar a racionalidade de maneira separada nesses três domínios <...>. Esse tipo de 'filosofia bloco', que impõe ao homem de bem certa concepção da natureza e do conhecimento, sem possibilidade de progresso, nem de melhora[33], é uma das coisas mais novas que sejam na Grécia e que lembram as crenças massivas das religiões orientais.[34]

A explicação da física estoica apresentada pelo Professor Murray também não faz exceção, na medida em que ela começa com uma exposição da noção de bem na Escola do Pórtico. Para os filósofos dessa Escola, o bem corresponde à virtude, o que constitui uma concepção inteiramente original em comparação com as teorias éticas do período clássico da Grécia Antiga. Para os pensadores como Platão e Aristóteles, a virtude representa o meio por excelência, uma espécie de bem relativo ou não absoluto, para alcançar a finalidade, a qual corresponde ao bem supremo, ou seja, a felicidade ou a

[31] "Os estóicos comparam a filosofia a um ser vivo, onde os ossos e os nervos correspondem à lógica, as partes carnosas à ética e a alma à física. Ou então comparam-na a um ovo: a casca à lógica, a parte seguinte (a clara) à ética, e a parte central (a gema) à física. Ou a comparam ainda a um campo fértil: a cerca externa é a lógica, os frutos são a ética, e o solo ou as árvores são a física. Ou a comparam-na a uma cidade bem amuralhada e racionalmente administrada. E nenhuma parte é separada das outras, como dizem alguns estoicos, mas ao contrário todas estão estreitamente unidas entre si." Diôgenes Laêrtios. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* VII, 40. *Op. cit*., p. 190.

[32] Ver nota 4 *supra*.

[33] A nosso ver, essa afirmação deve ser entendida em relação à concepção estoica de deflagração, segundo a qual o todo ou o universo tem ciclos infinitos de nascimento e de destruição, em que, a cada ciclo, tudo recomeça do mesmo jeito que estava no ciclo anterior, e isso *ad uitam aeternam*. Cf. Diôgenes Laêrtios. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* VII, 142-142. *Op. cit*., p. 213. A.A. Long, D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. II. *Op. cit*., pp. 271-277.

[34] Traduzimos. "<...> (chacune des trois parties de la philosophie stoicienne) sont au contraire (de l'éthique aristotélicienne) indissolublement liées, puisque c'est une seule et même raison, qui, dans la dialectique, enchaîne les propositions conséquentes aux antécédentes, dans la nature lie ensemble toutes les causes, et dans la conduite établit entre les actes le parfait accord. Il est impossible que l'homme de bien ne soit pas le physicien et le dialecticien; il est impossible de réaliser la rationalité séparément en ces trois domaines <...> Cette sorte de philosophie-bloc, qui impose à l'homme de bien une certaine conception de la nature et de la connaissance, sans possibilité de progrès ni d'amélioration, est une des choses les plus nouvelles qui soient en Grèce et qui rappellent les coyances massives des religions orientales." Émile Bréhier. *Histoire de la philosophie*. I. *Antiquité et moyen âge*. 6e édition. Paris: Quadrige/PUF, 1991, p. 266.

eudaimonia. Os estoicos rompem com esse modelo ético dos seus predecessores e estimam, de fato, que é a própria virtude o verdadeiro bem. Ao adotar essa concepção, o fundador do estoicismo, Zenão de Cítio, segue o princípio do seu antigo Mestre cínico, Crates de Tebas, que afirmava que 'Nada é bom, a não ser a bondade'. Neste caso, o seu corolário parece mais explícito para esclarecer que a virtude seja o bem, e não só um recurso qualquer para atingir a felicidade: 'Nada é mal, a não ser a maldade'.[35] O resultado disso leva ao seguinte raciocínio: a virtude é um bem, ora o bem é a finalidade, logo a virtude é a finalidade. Assim, a virtude como meio não seria um bem, pois o bem é a finalidade. Em outros termos, o que leva ao bem não pode ser igualmente um bem da mesma espécie, pois se confundiria com o próprio bem final. Ao contrário da ética de Aristóteles, os estoicos antigos não consideram, aparentemente, os diferentes bens intermediários e estimam que algo é ora bom, ora mau, além da categoria do que é nem um, nem outro (οὐδέτερος), ou seja, o que é indiferente (ἀδιάφορον).[36] Neste caso, os intermediários para alcançar a virtude são, ao que tudo indica, indiferentes. Em suma, a virtude é necessariamente boa, então é o fim.

A discussão sobre o bem no estoicismo está ligada diretamente à noção de função (ἔργον) que, por sua vez, nos direciona para a visão da natureza da Escola do Pórtico. A questão que agora deve ser respondida é a seguinte: o que quer dizer essa noção de função para os estoicos? À primeira vista, ela não parece ser muito afastada da ideia de função na ética aristotélica. No início do segundo livro da *Ética a Eudemo*, o Estagirita explica que cada coisa tem, segundo a sua natureza, uma função específica, a qual é seu próprio fim: "E a função de qualquer coisa é seu fim (καὶ τέλος ἑκάστου τὸ ἔργον)".[37] Na *Ética a Nicômaco*, o filósofo tenta demonstrar que a função do homem, que é agir conforme a sua razão, o leva à felicidade:

[35] Traduzimos. "And we build it (real philosophy) upon a very simple principle, laid down first by Zeno's master, Crates, the founder of the Cynic School: the principle that Nothing but Goodness is Good. That seems plain enough and harmness enough; and so does its corollary: 'Nothing but badness is bad". Murray. *The Stoic Philosophy*. *Op. cit*., pp. 25-26.

[36] "Because happiness is wholly constituted by virtue, virtue is 'choiceworthy for its own sake' (Diôgenes Laêrtio VII, 89), and not as a means to achieving anything, including happiness, other than itself <...>." A.A. Long, D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. I. *Op. cit*., p. 383. Essa visão estoica apresenta-se de maneira bastante maniqueísta, considerando que só existem coisas boas ou coisas ruins e abandonando até mesmo a teoria aristotélica dos bens intermediários encontrada notadamente na *Ética a Nicômaco*.

[37] Traduzimos. Aristoteles. *Ethica Eudemia* II, 1, 1219a 9. Aristotle. *Athenian Constitution. Eudemian Ethics. On Vitues and Vices*. The Loeb Classical Library. English translation by H. Rackham. London: William Heinemann Ltd./Cambridge: Havard University Press, 1935, p. 234.

A felicidade (εὐδαιμονία) é, portanto, algo absoluto e auto-suficiente, sendo também a finalidade (τέλος) da ação (τῶν πρακτῶν). <...> Tal explicação (o que é a felicidade) não ofereceria grande dificuldade se pudéssemos determinar primeiro a função (τὸ ἔργον) do homem. <...> Ora, se a função (ἔργον) do homem é uma atividade (ἐνέργεια) da alma que segue ou que implica um princípio racional (κατὰ λόγον), e se dizemos que 'um tal-e-tal' e 'um bom tal-e-tal' têm uma função que é a mesma em espécie <...>; se realmente assim é <...>, o bem do homem nos aparece como uma atividade (ἐνέργεια) em consonância com a virtude (κατ᾽ἀρετήν), e, se há mais de uma virtude, com a melhor e mais completa.[38]

Os estoicos no conjunto não discordam da concepção aristotélica sobre este ponto, à exceção da importante questão da natureza da virtude como meio, que, como vimos, não aceitam. Em *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, Diógenes Laércio indica que os representantes da Escola do Pórtico associam o Belo ao bem meritório e afirmam que Ele é a boa atitude inata para cumprir a nossa própria função (ἔργον):

Os estoicos consideram belo (τὸ καλὸν) unicamente o bem que torna dignos de louvor aqueles que o têm, ou o bem (ἀγαθὸν) que é digno de louvor; em outro sentido o belo é a boa aptidão natural para uma função própria (para a própria função)[39] (ἑτέρως δὲ τὸ εὖ πεφυκέναι πρὸς τὸ ἴδιον ἔργον), ou então aquilo que ilustra, como quando dizemos que somente o sábio é bom e belo.[40]

Recapitulamos os últimos passos a fim de retomar nossa discussão sobre a natureza na Escola do Pórtico. Vimos que a filosofia estoica como um todo é bastante coerente e constitui um sistema homogêneo. Para entender a física dessa Escola, torna-se proveitoso examinar a noção ética de bem, a qual nos leva, por seu lado, a aprofundar a concepção estoica de função. Nesse último caso, parece inevitável rever o que Aristóteles afirme sobre esse vínculo que existe, na filosofia dele, entre o bem e a noção de função. Descobrimos que os estoicos seguem de perto o Estagirita sobre o assunto, menos uma distinção significativa que diz respeito à virtude, que não é mais vista na Escola estoica como o meio por excelência para alcançar o bem ou o belo; ela doravante constitui o próprio fim, ou seja, o bem em si. Na verdade, essa nova direção ética parece não somente

[38] Aristoteles. *Ethica Nicomachea* I, 7, 1097b 20-21, 24-25; 1098 a 7-8, 12, 16-17. Aristóteles. *Metafísica* (Livros I e II) - *Ética a Nicômaco* - *Poética.* (Os pensadores). 2ª edição. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Vincenzo Cocco, Leonel Vallandro e Gerd Bornheim, Eudoro de Souza. São Paulo: Editor Victor Civita, 1984, pp. 55-56.

[39] Para não misturar com a expressão 'função própria', que normalmente traduze, em contexto estoico, καθῆκον (*officium*), acrescentamos entre parênteses uma tradução que consideramos mais apropriada, 'a própria função'.

[40] Diôgenes Laêrtios. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* VII, 100. *Op. cit*., p. 204. Diogenes Laertius. II. *Lifes of Eminent Philosophers*. In two volumes. The Loeb Classical Library. English Translation by R. D. Hicks. London: William Heinemann Ltd./New York: G.P. Putnam's Sons, 1925, p. 206.

se afastar da filosofia aristotélica, mas também da maioria das concepções morais do período clássico. Nesse caso, o que seria o melhor meio, segundo os estoicos, para alcançar o bem ou a excelência (virtude – ἀρετή)? A resposta deles não é tão manifesta. Podemos pensar que 'viver em conformidade com a natureza' (κατὰ φύσιν), ou seja, viver de acordo ou em harmonia (ὁμολογία) com a razão[41], seria a explicação apropriada. Mas essa mesma resposta também diz respeito à virtude, ao bem único, que consiste em viver conforme a natureza. Vejamos o que o comentador contemporâneo I. G. Kidd afirma sobre isso:

> <...> já que a razão reta é idêntica a Deus (ὁ ὀρθὸς λόγος ... ὁ αὐτὸς ὢν τῷ Διί)[42], o homem nunca fará o progresso suficiente até que tem concebido a ideia correta de Deus[43]. É o que os estoicos querem dizer com *physis* e o que devem querer dizer com a sua definição comum do Fim do Homem, ὁμολογουμένως τῇ φύσει ζῆν, isto é, viver em harmonia com a natureza. Deve seguir-se que no homem o racional tal como exposto nas virtudes é o único bom, e em comparação com elas *ta kata physin*[44] são indiferentes. <...> O Fim, como já foi dito, é viver em harmonia com a natureza, o que é precisamente viver de acordo com a virtude (τὸ ὁμολογουμένως τῇ φύσει ζῆν, ὅπερ ἐστὶ κατ᾽ ἀρετὴν ζῆν).[45]

No artigo do qual é extraído esse trecho, Kidd quer precisamente destacar a aparente contradição que existe no estoicismo antigo em relação à caracterização da finalidade e, de forma indireta, dos meios para alcançá-la. Segundo os estoicos, vimos que há apenas um fim para o homem, a virtude, que é definida como viver em harmonia

[41] Encontram-se vários fragmentos, confirmando esta concepção estoica segundo a qual a natureza é sinônima de razão, de Deus/Zeus, de inteligência e de destino. Cf. Diôgenes Laêrtios. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* VII, 135-138. *Op. cit*., pp. 212-213. Cf. A.A. Long, D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. II. *Op. cit*., pp. 349-355, 389-394.

[42] Cf. Diôgenes Laêrtios. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* VII, 88. *Op. cit*., pp. 201-202.

[43] Cf. Seneca. *Epistolae Morales ad Lucilium* 95, 48. Como vimos nas duas últimas notas, λόγος pode se referir, no estoicismo, a Deus, à natureza, ao destino ou à inteligência, entre outras coisas. O λόγος macrocósmico inclui, em certo sentido, o λόγος microcósmico ou a razão do homem.

[44] Ou seja, 'as coisas de acordo com a natureza'.

[45] Traduzimos. "<...> as right reason is identical with God (ὁ ὀρθὸς λόγος ... ὁ αὐτὸς ὢν τῷ Διί), a man will never make sufficient progress untill he has conceived a right idea of God. This is what the Stoics mean by *physis* and what they must mean by their common definition of the End for Man, ὁμολογουμένως τῇ φύσει ζῆν, i.e. to live in harmony with nature. It must follow that in man the rational as displayed in the virtues is the only good, and compared with them *ta kata physin* are indifferent. <...> The End as before is to live in harmony with nature, which is precisely to live in accordance with virtue, τὸ ὁμολογουμένως τῇ φύσει ζῆν, ὅπερ ἐστὶ κατ᾽ ἀρετὴν ζῆν." I.G. Kidd. "Stoic Intermediates and The End for Man". *Problems in Stoicism*. A.A. Long (Ed.). London: The Athlone Press, 1971, pp. 158-162.

com a natureza (ὁμολογουμένως τῇ φύσει ζῆν).[46] Todavia, existem outras coisas conforme a natureza (*ta kata physin*), como afirmam oponentes dos antigos estoicos, que também deveriam ser consideradas como bens finais, e não como indiferentes.[47] Mas vimos que essa possibilidade foi claramente descartada pelos estoicos, os quais estimam que haja somente um bem final, a virtude, e o resto é indiferente. Pela mesma razão, é afastada por eles a ideia segundo a qual essas mesmas coisas conforme a natureza possam ser consideradas como bens intermediários para alcançar a virtude. Sabemos que o estoicismo médio alega a existência de indiferentes preferíveis, mas estes continuam a ser indiferentes e não bens finais. É nesse contexto que Kidd afirma que não é possível resolver essa aporia de natureza ética sem recorrer à física estoica[48], o que o aproxima do que diz o professor Murray sobre isso, referendo-se à noção de função para relacionar a ética com a *physis*:

> Bondade é cumprir bem sua função. Mas quando dizemos "bem" ainda estamos usando a ideia de bondade. O que queremos dizer com fazê-lo "bem"? Aqui o grego recorre a uma concepção científica que teve grande influência no século V a. C., e, de certa forma transformada e nomeada de maneira diferente, foi reconquistada hoje em dia. <...> Os gregos chamaram-na *Phusis*, uma palavra que traduzimos por "Natureza", mas que parece significar de maneira mais exata "crescimento", ou "o processo de crescimento". É a Phusis (*sic*) que gradualmente transforma ou tenta transformar cada coisa viva numa forma mais perfeita. Ela transforma a semente, por gradações infinitas e exatas, em um carvalho; o cachorrinho cego em um bom cão de caça <...>. Se analisarmos este processo, descobrimos que a Phusis (*sic*) está transformando cada coisa na realização da sua própria função, isto é, no bem.[49]

---

[46] O bem moral corresponde ao que os latinos como Cícero chamam de *honestum*. Cf. I.G. Kidd. "Stoic Intermediates and The End for Man". *Problems in Stoicism*. *Op. cit*., p. 162.

[47] "The opponents of the Stoa maintained that *ta kata physin* should have been included in the End as goods, otherwise there was a contradiction, or that the Stoics were hedging and that their thought implied this." I.G. Kidd. "Stoic Intermediates and The End for Man". *Problems in Stoicism*. *Op. cit*., p. 151.

[48] "The method (para responder à aporia levantada em nosso texto) suggested is <...>, and (b) to call in to assist another part of their philosophy (dos estoicos), namely physics, without which their ethics cannot properly be understood." I.G. Kidd. "Stoic Intermediates and The End for Man". *Problems in Stoicism*. *Op. cit*., p. 154.

[49] Traduzimos. "Goodness is performing your function well. But when we say "well" we are still using the idea of goodness. What do we mean by doing it "well"? Here the Greek falls back on a scientific conception which had great influence in the fifth century B.C., and, somewhat transformed and differently named, has regained it in our own days. <...> The Greeks called it *Phusis*, a word which we translate by "Nature", but which seems to mean more exactly "growth", or "the process of growth". It is Phusis which gradually shapes or tries to shape every living thing into a more perfect form. It shapes the seed, by infinite and exact gradations, into the oak; the blind puppy into the good hunting dog <...> If you analyze this process, you find that Phusis is shaping each thing towards the fulfilment of its own function – that is, towards the good." Murray. *The Stoic Philosophy*. *Op. cit*., pp. 32-33.

As palavras do professor Murray nesse trecho completam o que diz Kidd acerca de o que é a natureza. Segundo este, o fim do homem é viver de acordo com a razão, o que equivale a viver conforme a natureza (κατὰ φύσιν), enquanto aquele afirma que o bem do homem é cumprir bem sua função, o que implica seguir a física, a qual aperfeiçoa nossa própria natureza. Em ambos os casos, há a ideia segundo a qual, ao desenvolver todo o nosso potencial como ser vivo, a natureza no estoicismo antigo é um princípio ativo que permite alcançar nosso fim, contribuindo assim a nossa própria felicidade, como o indica Kidd: "Assim o *logos* no homem, bem como no universo, é da mais alta importância, e a felicidade depende apenas dele".[50]

3.3. *Dupla divisão da física e a questão dos princípios*

Temos agora uma ideia mais significativa da *physis* no estoicismo antigo; trata-se basicamente de algo dinâmico e, de certa maneira, vivo, chamado de *logos*, que permite aos seres animados alcançar seu pleno desenvolvimento e, desta forma, sua finalidade[51]. Vamos ver agora, nesta penúltima parte, como os pensadores da Escola do Pórtico segmentam a *Physis*, ao levar em conta as palavras de Diógenes Laércio. A partir daí, estaremos melhores avisados para considerar se existe certo paralelo ou uma equivalência qualquer entre a metafísica aristotélica e as diversas áreas encontradas na divisão da física estoica.

Segundo o que afirma Diógenes Laércio, no seu famoso *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, existiriam duas divisões distintas da física no estoicismo.[52] A primeira é chamada de 'específica' (εἰδικῶς) e contém cinco tópicos (τόποι), dos quais os quatro primeiros são: os corpos (σώματα), os princípios (ἀρχαί), os elementos (στοιχεῖα) e os deuses (θεοί), todos corpóreos (σωματικά). O último tópico dessa primeira divisão diz respeito a componentes de natureza distinta: o espaço ou o lugar (τόπος) e o vazio (κενόν),

[50] Traduzimos. "So the *logos* in man as in the universe is all-important, and happiness depends on it alone." I.G. Kidd. "Stoic Intermediates and The End for Man". *Problems in Stoicism*. *Op. cit*., p. 158.

[51] M.J. White chama esse dinamismo da natureza de 'vitalismo': "What is most remarkable about his 'vitalism' is that the Stoics evidently insisted that the active, life-giving, rational, creative, and directive principle of the cosmos is just as corporeal as is the passive, 'material' principle." M.J. White. "Stoic Natural Philosophy (Physics and Cosmology)". *The Cambridge Companion to The Stoics*. *Op. cit*., p. 129.

[52] Cf. Diôgenes Laêrtios. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* VII, 132. *Op. cit*., p. 211.

que fazem parte da categoria dos incorpóreos (ἀσώματα), e os limites (πέρατα), classificados como elemento que é nem corpóreo, nem incorpóreo (οὐδέτερον), também chamado, na ética estoica, de 'indefinido' (ἀδιάφορον). Quanto à segunda partição, denominada 'genérica' (γενικῶς), a física contaria três partes distintas: o mundo (κόσμος), os elementos (στοιχεῖα) e a busca pelas causas (αἰτιολογία). A primeira divisão pertenceria, *stricto sensu*, à física, já que a segunda seria comum com outras disciplinas como a matemática, a retórica e a medicina.[53] Enfim, observamos que as duas divisões compartilham um mesmo constituinte, a saber, os elementos, que são, por vezes, confundidos equivocadamente com os princípios.[54] Contudo, o tópico dos elementos aparece logo depois do dos princípios na divisão específica, o que deixa entender que estes, isto é, a matéria e Deus, são entidades mais fundamentais e abstratas do que aqueles, tendo uma existência sutil que não pode ser observada, contrariamente à dos elementos. Acerca disso, Diógenes Laércio afirma:

> De acordo com os estoicos, os princípios são dois: o ativo e o passivo. O princípio passivo é a essência sem qualidade (τὴν ἄποιον οὐσίαν) – a matéria –; o princípio ativo é a razão (λόγον) na matéria, ou seja, Deus (θεόν). E Deus, que é eterno, é o demiurgo criador de todas as coisas no processo relativo à matéria. <...> De conformidade com os estoicos, há uma diferença entre princípios e elementos: os princípios não foram gerados e são incorruptíveis, enquanto os elementos se corrompem quando ocorre a conflagração do cosmos. Além disso, os princípios são incorpóreos (ἀσωμάτους) e informes, enquanto os elementos têm uma forma determinada.[55]

A afirmação contida nesse trecho, segundo a qual os princípios seriam incorpóreos, é bastante problemática, pois parece contradizer ao mesmo tempo o que dizemos anteriormente sobre a existência deles, assim como a maior parte da teoria estoica a respeito da natureza ou da *physis*. Se for exata, essa indicação implicaria para os estoicos que o princípio ativo ou Deus não teria, como incorpóreo, nenhum efeito causal, nem criador, e que, como tal, não teria existência nenhuma, mas seria apenas subsistente, como as entidades imaginárias, os universais, os limites e os quatro notáveis

[53] Cf. Diôgenes Laêrtios. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* VII, 132-133. *Op. cit*., p. 211. J. Brunschwig. "Stoic Metaphysics". *The Cambridge Companion to The Stoics*. *Op. cit.*, p. 207.

[54] "<...> the distinction between principles and elements may initially seem puzzling since '*archai*' and '*stoicheia*' are not infrequently used as synonyms – as in Aristotle's frequent characterization of the Presocratic philosophers' quest for *archai kai stoicheia* and in the geometrical sense os 'elements' (*stoicheia*)." M.J. White. "Stoic Natural Philosophy (Physics and Cosmology)". *The Cambridge Companion to The Stoics*. *Op. cit*., p. 125.

[55] Diôgenes Laêrtios. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* VII, 134. *Op. cit*., p. 212. Cf. M.J. White. "Stoic Natural Philosophy (Physics and Cosmology)". *The Cambridge Companion to The Stoics*. *Op. cit*., pp. 125-126.

incorpóreos.[56] Por seu lado, o princípio passivo representado pela matéria não sofreria nenhuma ação, nem existiria como corpo. Todavia, é preciso indicar que a dita afirmação de Diógenes encontrada na última citação, segundo a qual os princípios são incorpóreos, é contradita por outro texto original grego.[57] O tradutor português[58] do trecho acima citado utiliza uma edição que se refere aparentemente à dita *Suda* (*Suídas*)[59], mas existe uma alternativa mais apropriada ao contexto da física estoica. Nesse caso, encontra-se a seguinte leitura: "Mas os princípios também são corpos (σώματα) desprovidos de forma (ἀμόρφους) <...>".[60]

[56] Ver notas 5-6 *supra*.

[57] Na edição bilíngue grega/inglês da Loeb, o editor indica em nota de rodapé uma alternativa ao texto grego usado pelo tradutor português: "ἀσωμάτους Suid. (s. v. ἀρχή): σώματα vulg." Cf. Diogenes Laertius. *Lives of Eminent Philosophers* II. *Op. cit*., p. 238.

[58] Mário da Gama Kury indica na sua introdução: "Servimo-nos de um modo geral do texto preparado por Cobet para a edição na coleção Didot <...>. Consultamos também o texto eclético de Hicks para a "*Loeb Classical Library*" (1931-1942), bem como sua tradução na mesma coleção", Diôgenes Laêrtios. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. *Op. cit*., p. 10. Vimos na nota anterior que Hicks assinala claramente na sua edição a divergência de vocábulo encontrada nos textos gregos usados a respeito da corporeidade ou da incorporeidade dos princípios.

[59] É o texto no qual se encontra 'ἀσωμάτους'. No capítulo intitulado "Le monde byzantin et la philosophie grecque" do livro *Philosophie grecque*, Luc Brisson afirma acerca da *Suda*: "<...> fut terminée (*Suda*) au début du XI^{e} siècle probablement, et <...> permet de mesurer la quantité et la qualité des connaissances de l'époque (no final do século X e no início do século XI) dans une multitude de domaines. La *Souda*, dont le titre reste une enigme, comporte quelque 30 000 articles, qui vont de la glose explicative d'un mot à des notes sur des notions et à des notices historiques, biographiques ou bibliographiques sur des personnages célèbres. L'ordre des articles est alphabétique, mais avec quelques particularités dues à la phonétique byzantine." Luc Brisson. "Le monde byzantin et la philosophie grecque". *Philosophie grecque*. Monique Canto-Sperber (ed). *Op. cit*., p. 756.

[60] É o texto grego usado por Long & Sedley: "ἀλλὰ καὶ σώματα εἶναι τὰς ἀρχὰς καὶ ἀμόρφους <...>". A.A. Long & D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. II. *Op. cit*., p. 266. Na sua tradução inglesa, encontramos claramente identificada a divergência entre os textos gregos de referência: "The principles are also bodies ['incorporeal', in the parallel texto of the Suda] and without form <...>" A.A. Long & D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. I. *Op. cit*., pp. 268-269.

Especialistas importantes do estoicismo antigo como Brunschwig[61], Long e Sedley[62] são categóricos quanto à natureza corpórea dos princípios.[63] A questão dos corpos, que aparece antes da dos princípios na divisão específica, pode indicar a necessidade de examiná-los anteriormente a qualquer outro tópico da física, inclusive os princípios. No entanto, a dificuldade resultante da divergência acerca da corporeidade ou da incorporeidade dos dois princípios estoicos nos permite esclarecer a natureza exata dessas duas entidades principiadoras. De início, podemos mencionar que os princípios atendem à definição de corpo tal como encontrada em fragmentos consagrados ao estoicismo: refere-se a uma extensão de três dimensões[64] dotada de resistência (τὸ τριχῇ διαστατὸν μετὰ ἀντιτυπίας).[65] O acréscimo da resistência às três dimensões permite aos estoicos distinguir os corpos do lugar (τόπος) e do espaço vazio (κενόν).[66] Sem entrar em detalhes, os pensadores da Stoa também acrescentam à definição a noção indispensável de contato (ἀφή-ἅπτεσθαι)[67], já encontrada em Aristóteles[68], que viabiliza o agir e o sofrer uma ação por parte dos corpos e dos próprios princípios[69], assim como possibilita a sua mistura (μῖξις)[70], como também o pensava o Estagirita.[71] Enfim, podemos acrescer que o

[61] Por exemplo, o especialista francês do estoicismo antigo, Jacques Brunschwig, afirma claramente: "En dépit de quelques difficultés textuelles et conceptuelles, il est à peu près sûr que leurs deux príncipes sont des corps: en effet, l'un agit sur l'autre, et l'autre pâtit sous l'action de l'un." J. Brunschwig. "La philosophie à l'époque hellénistique". *Philosophie grecque*. Monique Canto-Sperber (Ed). *Op. cit*., p. 539.

[62] "Evidence that the Stoic 'principles' are bodies is overwhelming, and reasoning to justify it can be reconstructed, as we have shown." A.A. Long & D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. I. *Op. cit*., p. 274.

[63] Cf. A.A. Long & D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. II. *Op. cit*., p. 270.

[64] Cf. A.A. Long & D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. II. *Op. cit*., p. 270. Essa definição matemática é relativamente comum na época e se encontra em Aristóteles (*Physica* III, 5, 204b 20) e em matemáticos importantes como Euclides (*Elementos* II, def. I.).

[65] Cf. A.A. Long & D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. II. *Op. cit*., p. 270.

[66] Cf. A.A. Long & D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. II. *Op. cit*., p. 291-295.

[67] Cf. A.A. Long & D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. II. *Op. cit*., p. 270.

[68] Cf. Aristoteles. *Physica* V, 3; *Metaphysica* K 12, 1069a 2 *sqq*.; *De generatione et corruptione* I, 6, 322b 22-24.

[69] Cf. A.A. Long & D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. II. *Op. cit*., p. 270.

[70] "They [the Stoics] say that god is mixed (μεμῖχθαι) with matter, pervading all of it and so shaping it, structuring it, and making it into the world." Alexander. *On mixture* 225, 1-2, em A.A. Long & D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. I. *Op. cit*., p. 273.

[71] Aristóteles é claro sobre a necessidade destes três elementos no *De generatione et corruptione*, I, 6, 322b 26-29: agir e sofrer uma ação, contato e mistura. "Mas se devemos investigar o agir e o sofrer uma ação, assim como a mistura, devemos também investigar o contato. Pois agir e sofrer

resultado desse contato entre os princípios e os corpos em geral é chamado, pelos adeptos da Escola do Pórtico, de simpatia ou simplesmente de interação (συμπάθεια). Portanto, é dessa forma que os estoicos caracterizam os corpos e os dois princípios unidos, mas ainda persiste uma dúvida quanto à natureza de cada um dos dois princípios considerado de maneira separada. Em outras palavras, mesmo que todo corpo seja constituído dos dois princípios, não fica claro se cada um deles pode existir à parte.[72]

A explicação mais clara encontrada acerca da natureza de cada um dos princípios acha-se em *The Hellenistic Philosophers*.[73] Os autores apontam primeiro que os defensores da tese segundo a qual os princípios, tanto unidos quanto separados, seriam incorpóreos apoiam-se, como vimos, sobre uma fonte duvidosa. Além disso, o fato de ser incorpóreos faz com que o princípio ativo não poderia mais agir, nem o princípio passivo sofrer uma ação.[74] A consequência disso seria a supressão das próprias funções primárias de deus e da matéria, deixando apenas a essas duas entidades uma subsistência de razão equivalente à dos seres fictícios. A fim de evitar essa consequência inaceitável, Long e Sedley sugerem que cada um dos princípios cumpre separadamente apenas a sua função própria de agir ou de sofrer uma ação, mas unidos eles se realizam inteiramente em todos os corpos. Vejamos o que afirmam sobre isso:

> A incorporeidade dos princípios torná-los-ia incapazes de satisfazer as suas funções respectivas, isto é, agir e sofrer uma ação <...>. Assim as duas funções distintas de deus e da matéria simplesmente revelar-se-iam uma comodidade de razão (conceitual), em vez de serem o fundamento de tudo. Na verdade, qualquer um dos princípios considerado por si mesmo satisfaz a definição de corpo <...>. Ao contrário dos objetos físicos identificáveis, deus e matéria não são, de forma separada, capazes *ambos* de agir *e* de sofrer uma ação. Eles constituem respectivamente apenas uma dessas funções ontológicas. Mas A (Cícero, *Academica* I, 39) assevera que agir *ou* sofrer uma ação é restrito aos corpos. Não parece haver dificuldade nenhuma em supor que essa disjunção serve exclusivamente para os 'princípios', mas inclusivamente para os corpos

uma ação, no sentido próprio do termo, pode acontecer apenas entre coisas que podem se tocar. Da mesma forma, as coisas não podem se misturar, a menos que tenham entrado em um certo tipo de contato. Daí, devemos dar uma explicação precisa a essas três coisas: contato (ἁφὴ), mistura (μῖξις) e agir (ποίησις)." Traduzimos. Cf. A.A. Long & D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. I. *Op. cit.*, p. 273.

[72] Como afirmam Long e Sedley: "From the thesis that the world is constituted by matter (passive principle) and god (active principle), it does not directly follow that either matter or god is itself corporeal. <...> But the two principles are laid down to be inseparably connected with one another <...>, so they cannot exist separately as bodies. <...> Hence we should say that the principles themselves are 'incorporeal', i.e. only conceptually distinguishable aspects of a single body." A.A. Long & D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. I. *Op. cit*., pp. 273-274.

[73] Cf. A.A. Long & D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. II. *Op. cit*., pp. 265-271; *Ibid*. Vol. I, pp. 270-274.

[74] Cf. A.A. Long & D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. II. *Op. cit*., pp. 269-270.

particulares que junto constituem. <...> Na ordem do mundo, <...> deus e matéria recebem descrições precisas que facilitam sua identificação separada. Mas sua existência corpórea como 'princípios' não se torna vazia, ao funcionar correlativa e inseparavelmente.[75]

A identificação como corpos dos princípios estoicos considerados de maneira separada ou unificada é fundamental na análise estoica da natureza. Contudo, a digressão sobre isso nos afastou do nosso exame iniciado acerca das duas partições temáticas da física tal como vista pelos estoicos. A tradição doxográfica tardia estima que a divisão genérica da física apresentada por Diógenes não é antagonista à divisão específica, mas a completa em certo sentido.[76] Vimos que a divisão específica remeter-se-ia, em sentido restrito, à física estoica, já que a genérica também é comum com outras disciplinas. Todavia, parece paradoxal, como afirma Brunschwig, que a divisão específica diga respeito a tópicos mais abstratos e teóricos que os da divisão genérica, sendo na verdade os temas estudados nessa última classificação mais parecidos ao que é historicamente considerado como física.[77] Em outras palavras, a divisão específica da física tal como revelada pelos estoicos apresentaria, ao que tudo indica, mais semelhança com a metafísica de Aristóteles do que com a sua física ou com outros dos seus estudos sobre a natureza. Voltaremos sobre isso na última e conclusiva parte deste artigo.

Além do tema dos princípios que examinamos anteriormente, a questão especulativa do vazio é levantada na divisão específica, permitindo distinguir o mundo

[75] Traduzimos. "The incorporeality of the principles would render them incapable of satisfying their respective functions, acting and being acted upon <...>. Thus the two distinct functions of god and matter, instead of being the foundation of everything, would turn out to be simply an analytical convenience. In fact either principle, taken on its own, satisfies the definition of body <...>. Unlike identifiable physical objects, god and matter are not severally capable *both* of acting *and* of being acted upon. They constitute respectively only one of these ontological functions. But A (Cicero, *Academica* I, 39) asserts that acting *or* being acted upon is restricted to bodies. There seems no difficulty in supposing that this disjunction holds exclusively for the 'principles' but inclusively for the particular bodies that they jointly constitute. <...> In the world-order, <...> god and matter are given definite descriptions which make their separate identification easier. But their corporeal existence as 'principles' is not made vacuous by their functioning correlatively and inseparably." A.A. Long & D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. I. *Op. cit.*, p. 274.

[76] Cf. J. Brunschwig. "Stoic Metaphysics". *The Cambridge Companion to The Stoics*. *Op. cit.*, p. 207, nota 3.

[77] "It is fairly obvious, however, that the 'generic' topics are paradoxically situated at a relatively more concrete level than the 'specific' ones: they take the *kosmos* – that is, the organized 'whole' (*holon*) – with its present cosmic organization (*diakosmêsis*) as their primary object, and inquire not only about its elementary furniture, but also about its causal workings; in this sense, they look, at least vaguely, like what we would mean by 'physics'." Cf. J. Brunschwig. "Stoic Metaphysics". *The Cambridge Companion to The Stoics*. *Op. cit.*, p. 207.

(κόσμος), isto é, o inteiro (ὅλον) organizado, do todo (πᾶν); este difere daquele por conter o inteiro (ὅλον) e o vazio (κενόν) infinito que o circunda.[78] Lembramos que os estoicos negam, ao oposto dos atomistas, a existência do vazio no interior do mundo, já que se encontra apenas nos limites (πέρατα) exteriores dele, deixando assim espaço para as infinitas expansões e contrações cíclicas durante as deflagrações. Segundo eles, o mundo é unido, coeso e, sobretudo, contínuo, o que não deixa espaço nenhum para o vazio.[79] Em suma, ao colocar o vazio entre os tópicos da divisão específica, os estoicos revelam que o principal assunto da física especificamente (εἰδικῶς) considerada é o todo (πᾶν) e seus constituintes.

Vimos que o tema da busca das causas na classificação genérica não é restrito à filosofia. Assim sendo, voltaremos a discuti-lo na conclusão. Contudo, falta examinar o tópico sobre os deuses na divisão específica. A primeira observação que pode ser feita sobre isso é que a teologia faz parte da física no pensamento estoico. Não é tão surpreendente, visto que não há *stricto sensu* uma metafísica revelada nessa Escola do Pórtico. A identificação do princípio ativo corpóreo com deus também inclui diretamente esse tema na física. Apesar disso, o estoico mais religioso dentre os antigos estoicos, Cleantes, tentou introduzir a teologia na sua nova divisão em seis partes da filosofia[80], mas o esforço foi em vão. A partição incomum não se manteve e Crisipo colocou a teologia de volta na esfera da física, como afirma Plutarco:

> [Crisipo, no livro IV do seu *Das vidas* (Περὶ βίων),] 'Em primeiro lugar, em minha opinião, a qual corresponde às afirmações corretas dos antigos, há três espécies de teoremas (θεωρημάτων) para o filósofo: lógicos, éticos e físicos. Em segundo lugar, o que deve ser classificado primeiramente entre eles são os da lógica, em seguida da ética e enfim da física; e o que deve vir em último lugar entre os teoremas físicos é a teologia. Por esta razão, a transmissão (παραδόσεις) da teologia foi chamada de "realização" (τελετάς).[81]

4. *Conclusão*

[78] Cf. A.A. Long, D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. II. *Op. cit*., pp. 265, 291-295.

[79] Cf. A.A. Long, D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. II. *Op. cit*., pp. 296-301.

[80] Na sua própria divisão, Cleantes acrescenta um novo tópico a cada um dos três temas tradicionais: à dialética, adiciona a retórica, à ética, a política e à física, a teologia. Cf. Diôgenes Laêrtios. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* VII, 41. *Op. cit*., p. 191.

[81] Traduzimos. A.A. Long, D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. II. *Op. cit*., p. 164.

Os estoicos não nomeiam parte nenhuma da sua filosofia de 'metafísica'. As fontes disponíveis do estoicismo antigo não indica um uso qualquer dessa palavra, a qual talvez se revele no mundo grego somente depois do período dessa Escola.[82] Contudo, o emprego ou não dessa palavra fica secundário para nosso estudo, já que é a matéria à qual se refere o termo que é digno de interesse. O reino dos assuntos considerados pela ciência em questão já é respeitável em Aristóteles e vai crescendo depois em outros filósofos e cientistas. Para responder a nossa interrogação inicial, a saber, se existe uma metafísica estoica, também é preciso considerar que muitas outras questões relacionadas a esse saber teórico são desenvolvidas em outras disciplinas, notadamente na física. Visto o número de temas estimado pertencer à dita metafísica, é preciso restringir-se a uma referência precisa para chegar a uma conclusão aceitável. Por isso, a escolha da *Metafísica* do Estagirita impôs-se, não só em razão da quantidade circunscrita dos temas em estudo, mas, antes de tudo, por causa da importância e da influência direta e indireta do tratado na Antiguidade grega em geral, e no estoicismo em particular.

Na *Metafísica*, Aristóteles examina essencialmente três tópicos precisos: as primeiras causas, o ser enquanto ser e a divindade. Vimos que o próprio Estagirita nomeia de forma específica cada um desses saberes, respectivamente 'Sabedoria', 'Filosofia primeira' e 'Ciência teológica'. A primazia da ciência estudada no tratado não é definida, o que implica uma discussão debatida desde a Antiguidade acerca do caráter particular ou universal da obra. Ou seja, a *Metafísica* diz respeito a todos os seres enquanto seres e lhe confirma assim o estatuto de saber universal, ou se refere principalmente aos seres divinos, o que a caracteriza antes como saber particular ou específico. Mesmo que pensadores e especialistas estimem que o Estagirita resolva a questão no tratado, os trechos relevantes da *Metafísica supra* examinados não permitem chegar a uma conclusão definitiva. Deste modo, a *Metafísica* como ponto de referência para nosso estudo não se limita ao estudo de uma única matéria, mas, sim, inclui as três anteriormente citadas.

[82] Como vimos, Andrónico de Rodes seria o primeiro a usar o termo no Sec. I a. C. Antes disso, a palavra encontrar-se no título de um tratado de Teofrasto sobre a filosofia primeira, mas essa designação teria sido posteriormente acrescentada. Cf. Theophrastus. *On First Principles (known as his Metaphysics*). Greek Text and Medieval Arabic Translation, Edited and Translated with Introduction, Commentaries and Glossaries, as Well as the Medieval Latin Translation, and with an Excursus on Graeco-Arabic Editorial Technique by Dimitri Gutas. Leiden/Boston: Brill, 2010, pp. 9-10.

Já que os estoicos não se referem a nenhuma metafísica e consideram que a física ou a natureza inclui tudo, examinamos, na continuação, o que é a φύσις para eles. A maneira talvez mais prática para abordar a física estoica, pelo menos a mais acessível, consiste em analisar a ética. Vimos que o estudo dessa disciplina permite, entre outros, perceber que a noção central de bem pode ser verdadeiramente compreendida apenas através do exame da física, como é parcialmente o caso em Aristóteles. É nesse contexto que se revela a noção de função, a qual se refere ao fim de algo, ou seja, seu bem. Segundo o Estagirita e a Escola do Pórtico, a finalidade das coisas consiste em cumprir sua função própria, o que os estoicos representam, no caso notadamente do homem, com a seguinte fórmula: viver conforme a razão. Todavia, os estoicos consideram que a virtude (ἀρετή) corresponde ao bem final, o que não é compatível com a visão aristotélica, de acordo com a qual a virtude é, antes, o meio por excelência para o homem alcançar o bem supremo ou a felicidade. Nesse caso, também fica difícil entender o que seria exatamente, segundo os filósofos da Escola helenística, o melhor meio para o homem alcançar a sua finalidade. Conforme os estoicos, viver em corcondância com a natureza, que equivale a viver de acordo com a razão, parece referir-se tanto ao fim do homem, quanto ao meio para alcançá-lo. O raciocínio deles apresenta-se aparentemente de forma circular; a felicidade ou sabedoria consiste em viver de acordo com a natureza, que também seria o recurso para se aproximar dessa finalidade.[83] Seja como for, essa suposta aporia nos levou ao exame do que caracteriza essencialmente a natureza para a Escola do Pórtico. Descobrimos que não somente ela apresenta um caráter dinâmico, mas, sobretudo, possui uma capacidade de aperfeiçoar todas as coisas nela contidas.[84] Por conseguinte, a natureza é viva e transforma em princípio tudo na realização da sua própria função.

[83] Esse bem supremo dos estoicos é, por vezes, identificado com a ataraxia 'da alma' como a mais elevada forma de felicidade. Essa interpretação da ataraxia seria distinta da concepção mais prosaica dos epicuristas, como o indique o trecho seguinte: "Porphyrion ad Hor. Serm. II, 4, 1. Catius Epicureus fuit, qui scripsit quattuor libros de rerum natura et de summo bono. Sub eius nomine quomodo in proxima Stoicos ita in hac Epicureos inrisurus est, qui dicunt summum bonum ἡδονὴν rerum honestarum. Unde Stoici hanc gulae et corporis libidinem criminantur, τὴν ἀταραχίαν τῆς ψυχῆς, hoc est nihil timere nec cupere, summum bonum esse. Unde Varro dicit λογομαχίαν inter illos esse." SVF III, 109, 15-21. Arnim, Ioannes ab (Ed). *Stoicorum veterum fragmenta* (SVF), Vol. III. Stuttgart: B. G. Teubner Verlagsgesellschaft mbH, 1964.

[84] "The Stoics <...> followed the precedent of various Presocratics and of Plato in holding that the 'whole cosmos is a living being (or animal: *zôion*), ensouled and rational, having as its ruling principles (*hêgemonikon*) aether (typically equated with fire by the Stoics)'(DL VII 139)." M.J. White. "Stoic Natural Philosophy (Physics and Cosmology)". *The Cambridge Companion to The Stoics*. *Op. cit*., p. 129.

Tendo uma ideia melhor do que é a natureza para os estoicos, nosso estudo nos levou a considerar os principais tópicos estudados por eles nas suas duas divisões da física. Comentamos sobre os diferentes temas encontrados nelas, notadamente a questão fundamental da natureza corpórea dos princípios. Vimos em particular, nessa última parte do artigo, que várias das matérias dessas divisões da física tratadas pelos estoicos correspondem *mutatis mutandis* aos principais tópicos encontrados na *Metafísica* de Aristóteles. É importante insistir, todavia, sobre o fato de que essa comparação fica aproximativa, já que os dois sistemas filosóficos não compartilham a mesma ontologia acerca das principais entidades em exame. Para os estoicos, praticamente todas as coisas (τινά) do todo (πᾶν)[85] são corpóreas, na exceção dos quatro incorpóreos, das entidades fictícias, inclusive os universais, assim como dos limites.[86] Quanto ao Estagirita, sabemos que considera muitas das entidades encontradas nos tópicos das duas divisões da física estoica como fazendo parte da esfera dos seres inteligíveis, transcendentes ou separados, tais como as divindades e os princípios – quando não confundidos com os elementos imanentes –, ou seja, princípios transcendentes enquanto causas primeiras (τὰ ἐξ ἀρχῆς αἴτια).[87] De maneira mais precisa, vimos que o próprio Aristóteles distingue a física da metafísica a partir da existência ou da não-existência de uma substância separada do sensível e imóvel. Afastamos neste momento a possibilidade de que seja a inteligibilidade em si das entidades encontradas nesses tópicos estoicos que determina o que pertence ou não à esfera metafísica, já que a física ou a natureza estoica contém tudo, o qual é corpóreo, como vimos. Levando isso em consideração, podemos avaliar se o estoicismo antigo possui uma metafísica comparável – não idêntica – à desenvolvida pelo Estagirita na sua *Metafísica*.

A análise é relativamente simples. Entre os três principais assuntos tratados pelo Estagirita na *Metafísica*, como vimos, a questão das divindades, examinada na parte dedicada ao Saber teológico (θεολογικὴ ἐπιστήμη), também é diretamente abordada pelos estoicos na divisão 'específica', na qual o tema dos deuses é desenvolvido logo depois do dos elementos. Além disso, o tópico do divino encontra-se na seção reservada aos princípios, na medida em que o princípio ativo é claramente identificado a deus. Em suma, a teologia estoica, que faz parte integral do estudo da física, diz respeito não só aos

[85] Cf. A.A. Long, D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. II. *Op. cit*., pp. 265, 291-295.

[86] A.A. Long, D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. II. *Op. cit*., pp. 166-168.

[87] Cf. Aristoteles. *Metaphysica* Δ, 1-2.

diferentes pormenores encontrados na composição e no funcionamento da natureza, mas remete se, acima de tudo, a aspectos mais universais e absolutos, como é o caso no tratamento das questões consagradas à coerência do cosmos, ao destino e à providência do mundo.[88]

O Estagirita trata do mesmo tema dos princípios na parte da *Metafísica* reservada, desta vez, à Sabedoria (σοφία), que se refere aos primeiros princípios e às primeiras causas (περὶ τὰ [πρῶτα] αἴτια καὶ τὰς ἀρχάς).[89] Acabamos de ver o tratamento reservado pelos estoicos aos princípios, mas esses pensadores também dedicam um estudo específico à Busca das causas (αἰτιολογία) na sua divisão dita 'genérica'. Apontamos que essa temática não é reservada aos únicos filósofos, já que também é importante por disciplinas como a matemática e a medicina. À maneira do Estagirita que ainda discute sobre os seres enquanto seres na parte da *Metafísica* consagrada à sua Filosofia primeira (πρώτη φιλοσοφία), os pensadores da Escola do Pórtico similarmente tratam de todas as entidades que existem e subsistem a partir do algo (τι), como gênero generalíssimo, até as espécies ínfimas, o que inclui os corpos, os incorpóreos e as coisas que são nem corpóreas, nem incorpóreas. De forma mais explícita, o tema dos corpos é tratado de início na divisão 'específica' da física, já que tudo que age ou pode sofrer uma ação é corpóreo, inclusive os princípios.[90] Além disso, os pensadores helenísticos discutem acerca de pelo menos dois incorpóreos na mesma divisão específica, isto é, o lugar e o vazio, assim como analisam um algo, o limite, pertencendo à categoria dos indefinidos (ἀδιάφορα). As outras entidades da ontologia estoica são principalmente examinadas na ampla divisão da filosofia consagrada à lógica, o que inclui os dizíveis ou lekta (λεκτά),

[88] No seu artigo intitulado 'Stoic Theology', Algra enumera os principais assuntos encontrados na teologia estoica. "Issues covered by Stoic theology include the nature of the divine principle of the cosmos, the existence and nature of the other gods, our proper attitude toward the gods – <...>, including our attitude toward traditional myth and ritual – and issues relating to fate and providence, including the way the providential ordering of the cosmos can be known by mankind by means of oracles and divination." Keimpe Algra. 'Stoic Theology'. *The Cambridge Companion to The Stoics*. *Op. cit.*, p. 153.

[89] Aristoteles. *Metaphysica* A, 1, 981b 28. Aristóteles. *Metafísica*. (Ed.) Giovanni Reale. *Op. cit.*, p. 6.

[90] "This stricture, in fact, becomes a common Stoic characterization of the corporeal, 'that which either acts or is acted upon', which Hahm rightly characterizes as 'the most important' Stoic account of body." M.J. White. "Stoic Natural Philosophy (Physics and Cosmology)". *The Cambridge Companion to The Stoics*. *Op. cit.*, p. 132. A referência a Hahm encontra-se em: D.E. Hahm. *The Origins of Stoic Cosmology*. Columbus: Ohio State University Press, 1977, p. 44.

as entidades fictícias (φαντάσματα) e os universais (ἐννοήματα).[91] Enfim, os elementos (στοιχεῖα) estudados por Aristóteles na *Metafísica* podem ser inseridos tanto na parte reservada à Sabedoria, quanto na dedicada à Filosofia primeira, ao passo que os estoicos lhes consagram um tópico particular em cada uma das duas divisões da física. Quanto ao tema do mundo (κόσμος), é tratado em primeiro na divisão genérica, pois inclui todas as entidades que se encontram nele, o que contém uma boa parte dos assuntos tratados por Aristóteles na *Metafísica*.

Temos ainda que responder a uma última interrogação, já levantada acima acerca da *Metafísica* de Aristóteles, no que se refere ao estatuto universal ou particular da física estoica. Em outras palavras, podemos considerar a física da Escola do Pórtico como sendo um estudo geral que abrange tudo ou como uma ciência mais específica? A resposta a essa interrogação parece *a priori* relativamente mais nítida em relação ao estoicismo do que a dada pelos especialistas aristotélicas à *Metafísica* do Estagirita no decorrer da história. Na medida em que a física estoica compreende tudo o que existe e indiretamente tudo o que subsiste, o seu estudo parece se aproximar da Filosofia primeira de Aristóteles. Nesse caso, ela seria *mutatis mutandis* uma espécie de estudo universal sobre os seres enquanto seres, ou seja, o que os especialistas chamam de *Metaphysica generalis* ou ontologia.[92] Quanto a seu exame dos deuses, também seria considerado universal, na medida em que deus como princípio ativo encontra-se em todos os corpos que existem, sem esquecer que determina o destino do mundo inteiro. Nesse sentido, a teologia é considerada a realização (τελεταί) das doutrinas físicas, visto que completa a iniciação nos Mistérios.[93] Sendo assim, o estudo estoico das divindades seria mais abrangente que

[91] Notamos que o tempo, como incorpóreo, não faz explicitamente parte dos tópicos encontrados nas duas divisões da física. Contudo, esse tema é discutido pelos estoicos em relação a assuntos ligados à natureza.

[92] "<...> it seems possible to connect a number of Stoic concerns and theories with another type of metaphysics (ver a próxima nota 93 *infra*) which is related upward with what Aristotle called 'the science of being *qua* being' and downward with what will be later on called *metaphysica generalis*, or 'ontology'". J. Brunschwig. "Stoic Metaphysics". *The Cambridge Companion to The Stoics*. *Op. cit*., p. 209.

[93] "The teaching method used by Chrysippus still gave pride of place to theology (em relação a Cleantes), but he firmly reanchored it within physics, saying: 'what should come last in the physical tenets is theology; hence the transmission of theology has been called "completion"'. J. Brunschwig. "Stoic Metaphysics". *The Cambridge Companion to The Stoics*. *Op. cit*., p. 208. A citação é de Plutarco e se encontra em: A.A. Long, D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. II. *Op. cit*., p. 164. Na nota 5 da mesma página 208, Brunschwig indica: "The Greek word translated 'completion' (que traduzimos por 'realização' no texto), *teletai*, designates the last step in the initiation to the Mysteries." Ver nota 81 *supra*.

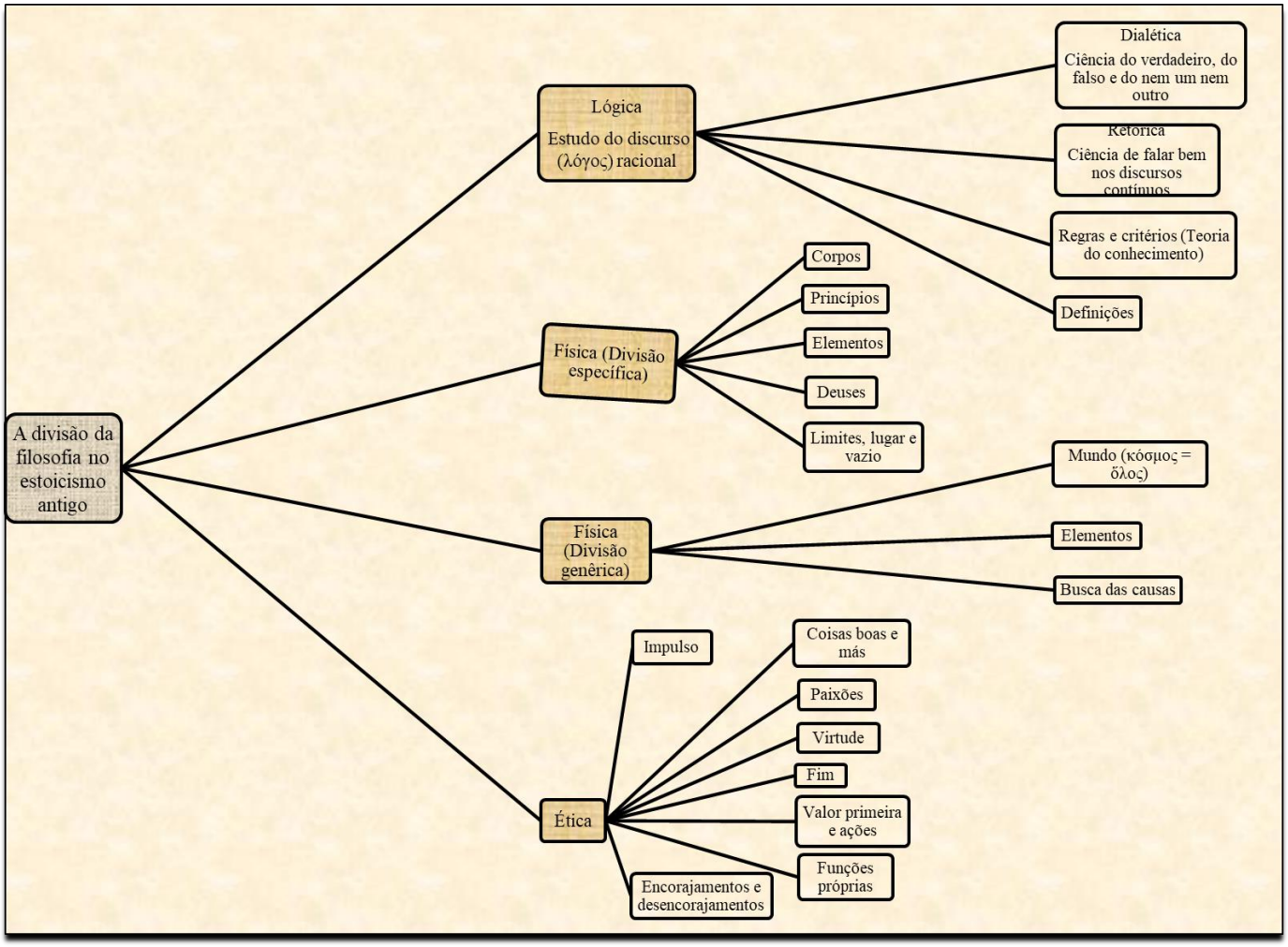
a Ciência teológica aristotélica. Chegamos à mesma conclusão quanto ao estudo estoico dos primeiros princípios e das primeiras causas, que também seria mais extensivo que o da Sabedoria aristotélica. Nos dois últimos casos, teríamos um conhecimento semelhante ao que foi posteriormente chamado de *Metaphysica specialis*.[94] Em suma, ainda que os estoicos não nomeiem nenhuma divisão da sua filosofia de metafísica, parece claro que a maior parte dos assuntos tratados na sua física poderia ser comparada aos principais tópicos examinados pelo Estagirita na sua *Metafísica*.

Guy Hamelin
Universidade de Brasília

[94] "Later on in the tradition (depois da Antiguidade), this science (metafísica) of certain particular objects, privileged by virtue of their eminent ontological position or perfection, will be called *metaphysica specialis*. In a way, the Stoic 'specific' notion of physics might thus be seen as an ancestor to *metaphysica specialis*." J. Brunschwig. "Stoic Metaphysics". *The Cambridge Companion to The Stoics*. *Op. cit.*, p. 209.

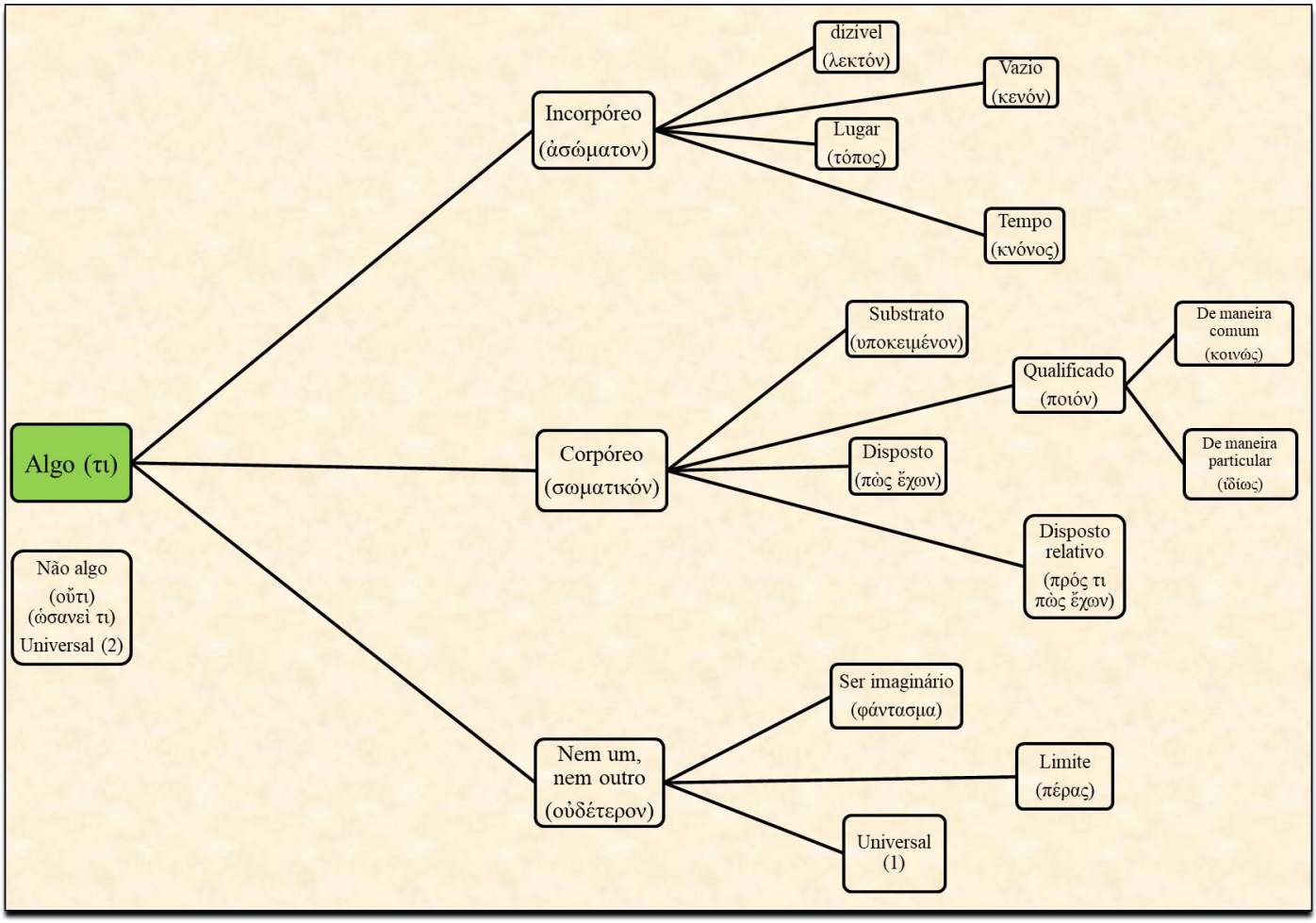
Journal of Ancient Philosophy, vol. 16 issue 2, 2022.
DOI: http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-9471.v16i2p149-181

Esquema I
A Divisão da Filosofia no Estoicismo Antigo



Journal of Ancient Philosophy, vol. 16 issue 2, 2022.
DOI: http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-9471.v16i2p149-181

Esquema II
Ontologia Estoica



Bibliografia

Algra, Barnes, Mansfeld & Schofield (Eds). *The Cambridge History of Hellenistic Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

Algra, Keimpe. 'Stoic Theology'. *The Cambridge Companion to The Stoics*. Edited by Brad Inwood. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, pp. 153-178.

Aristote. *La métaphysique*. Tome I. Introduction, notes et index par J. Tricot. Paris: Librairie philosophique J. Vrin, 1970.

Aristóteles. *Metafísica* (Livros I e II) - *Ética a Nicômaco* - *Poética.* (Os pensadores). 2ª edição. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Vincenzo Cocco, Leonel Vallandro e Gerd Bornheim, Eudoro de Souza. São Paulo: Editor Victor Civita, 1984.

Aristóteles. *Metafísica*. Vol. II. Introdução, texto grego com tradução para o italiano, fontes e notas de Giovanni Reale. Edição Brasileira: Direção de Fidel Garcia Rodriguez. Edição de Texto de Marcos Marciolino. Revisão de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

Aristotle. *Athenian Constitution. Eudemian Ethics. On Vitues and Vices*. The Loeb Classical Library. English translation by H. Rackham. London: William Heinemann Ltd./Cambridge: Havard University Press, 1935.

Arnim, Ioannes ab (Ed). *Stoicorum veterum fragmenta* (SVF), Vol. III. Stuttgart: B. G. Teubner Verlagsgesellschaft mbH, 1964.

Bréhier, Émile. *Histoire de la philosophie*. I. *Antiquité et moyen âge*. 6e édition. Paris: Quadrige/PUF, 1991.Brisson, Luc. "Le monde byzantin et la philosophie grecque". *Philosophie grecque*. Monique Canto-Sperber (Ed). Paris: Presses universitaires de France, 1997, pp. 745-779.

Brunschwig, Jacques. "La philosophie à l'époque hellénistique". *Philosophie grecque*. Monique Canto-Sperber (Ed). Paris: Presses universitaires de France, 1997, pp. 457-591.

Brunschwig, J. "Stoic Metaphysics". *The Cambridge Companion to The Stoics*. Edited by Brad Inwood. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, pp. 206-232.

Canto-Sperber, M. "Platon". *Philosophie grecque*. Monique Canto-Sperber (Ed). Paris: Presses universitaires de France, 1997, pp. 185-299.

Décarie, Vianney. *L'objet de la métaphysique selon Aristote*. 2ª Ed. Montréal/Paris: Institut d'études médiévales/Librairie philosophique J. Vrin, 1972.

de Libera, Alain. *La querelle des universaux. De Platão à la fin du Moyen Âge*. Paris: Éditions du Seuil, 1996.

Diôgenes Laêrtios. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* VII, 39. 2ª edição. Tradução do grego, introdução e notas Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UnB, 1977.

Diogenes Laertius. II. *Lifes of Eminent Philosophers*. In two volumes. The Loeb Classical Library. English Translation by R. D. Hicks. London: William Heinemann Ltd./New York: G.P. Putnam's Sons, 1925.

Hahm, D.E. *The Origins of Stoic Cosmology*. Columbus: Ohio State University Press, 1977.

Hamelin, Guy. "Do realismo moderado ao realismo extremo em Platão". *Journal of Ancient Philosophy*. Vol. 3, Issue 2, 2009, pp. 1-13. http://www.revistas.usp.br/filosofiaantiga/issue/view/3501 Acesso abril de 2021.

Kidd, I.G. "Stoic Intermediates and The End for Man". *Problems in Stoicism*. A.A. Long (Ed.). London: The Athlone Press, 1971.

Long, A.A. and D.N. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. I. *Translations of the Principal Sources, with Philosophical Commentary*. II. *Greek and Latin Texts, with Notes and Bibliography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

Murray, Gilbert. *The Stoic Philosophy*. Delivered at South Place Institute on March 16, 1915. Watts & Co., 17 Johnson's Court, Fleet Street, E.C. – George Allen & Unwin, Ltd., Ruskin House, Museum Street, W.C., 1915.

Pellegrin, Pierre. *Dictionnaire d'Aristote*. Paris: Éditions Ellipses, 2007.

Russell, B. *A History of Western Philosophy*. New York/London: Published by Simon & Schuster, 1972 (copyright renewed).

Schofield, Malcolm. "Plato (427-347 BC)". *Routledge Encyclopedia of Philosophy*. Version 1.0, Edward Craig (Ed.). London & New York: Routledge, 1998.

Sedley, D.N. "*Hellinistic Physics and Metaphysics*". Algra, Barnes, Mansfeld & Schofield (Eds). *The Cambridge History of Hellenistic Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, pp. 355-411.

Theophrastus. *On First Principles (known as his Metaphysics*). Greek Text and Medieval Arabic Translation, Edited and Translated with Introduction, Commentaries and Glossaries, as Well as the Medieval Latin Translation, and with an Excursus on Graeco-Arabic Editorial Technique by Dimitri Gutas. Leiden/Boston: Brill, 2010.

Vernon, Arnold E. *The Classical Review*. Vol. 28, Issue 2, March 1914, p. 62.

White, M.J. "Stoic Natural Philosophy (Physics and Cosmology)". *The Cambridge Companion to The Stoics*. Edited by Brad Inwood. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, pp. 124-152.